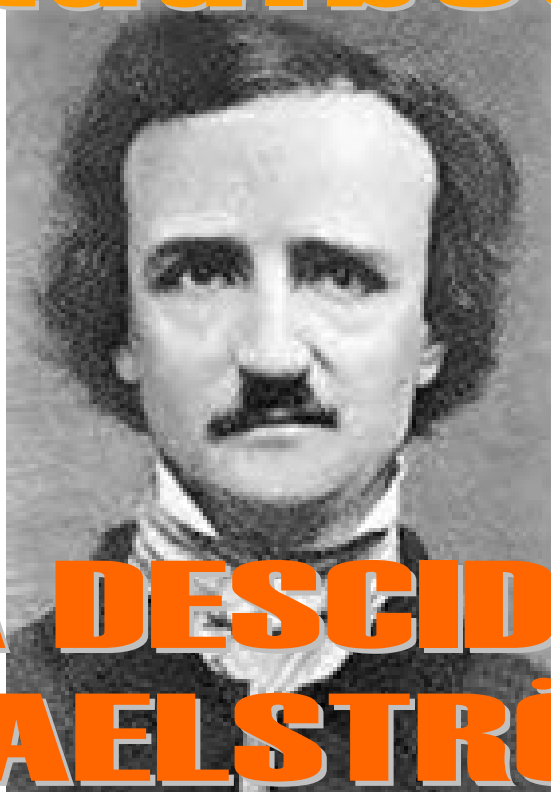


**Biblioteca
Virtualbooks**



**UMA DESCIDA NO
MAELSTRÖM**

EDGAR ALLAN

POE

**Tradução de
SILVEIRA DE SOUZA**



**Edição especial para distribuição gratuita pela Internet,
através da Virtualbooks.**

A VirtualBooks gostaria de receber suas críticas e sugestões sobre suas edições. Sua opinião é muito importante para o aprimoramento de nossas edições: **Vbooks02@terra.com.br** Estamos à espera do seu e-mail.

Sobre os Direitos Autorais:

Fazemos o possível para certificarmos-nos de que os materiais presentes no acervo são de domínio público (70 anos após a morte do autor) ou de autoria do titular. Caso contrário, só publicamos material após a obtenção de autorização dos proprietários dos direitos autorais. Se alguém suspeitar que algum material do acervo não obedeça a uma destas duas condições, pedimos: por favor, avise-nos pelo e-mail: **vbooks03@terra.com.br** para que possamos providenciar a regularização ou a retirada imediata do material do site.



www.virtualbooks.com.br/

Copyright© 2000/2003 Virtualbooks
Virtual Books Online M&M Editores Ltda.
Rua Benedito Valadares, 429 – centro
35660-000 Pará de Minas - MG
Todos os direitos reservados. All rights reserved.



UMA DESCIDA NO MAELSTRÖM

**Tradução de
SILVEIRA DE SOUZA**

Os caminhos de Deus na Natureza, assim como na ordem da Providência, não são os nossos caminhos; nem são os modelos que estruturamos de modo algum comensuráveis com a imensidão, profundidade e inescrutabilidade de Suas obras, *que têm em si um fundo maior que o poço de Demócrito.*

— Joseph Glanville

Havíamos atingido agora o cume do rochedo mais elevado. Por alguns minutos o velho demonstrou estar cansado demais para falar.

“Não faz muito tempo”, disse por fim, “eu podia ter guiado o senhor por este caminho tão bem quanto o mais novo de meus filhos; mas, cerca de três anos atrás, aconteceu comigo um fato como nunca ocorreu antes a nenhum ser mortal – pelo menos a alguém que tenha sobrevivido para contá-lo – e as seis horas de implacável terror que enfrentei na ocasião me abalaram o corpo e o espírito. O senhor deve imaginar que eu seja... muito velho – mas não sou. Menos de um dia foi o suficiente para que os meus cabelos mudassem do negro para o branco, as pernas e os braços enfraquecessem e meus nervos se afrouxassem, a tal ponto que fico trêmulo ao menor esforço e assustado só em ver uma sombra. Acredita que mal posso olhar de cima deste pequeno penhasco sem ficar tonto?”

O “pequeno penhasco”, à borda do qual ele tão despreocupadamente se jogara para descansar, de um jeito que o corpo, pela sua parte mais pesada, ficava pendente e só não caía devido à sustentação que lhe dava o cotovelo, apoiado com firmeza

sobre a aresta extrema e escorregadia da borda – este “pequeno penhasco” elevava-se – verdadeiro precipício de rocha negra e brilhante – cerca de mil e quinhentos ou mil e seiscentos pés sobre um mundo de penhascos abaixo de nós. Nada me teria tentado a ir além de meia dúzia de jardas antes de sua beira. Na verdade, tão perturbado me sentia ante a arriscada posição de meu companheiro, que me deixei cair de comprido sobre o chão, agarrei os arbustos ao meu redor e não ousei nem mesmo olhar para o alto – enquanto lutava em vão para afastar a idéia de que a própria base da montanha estava em perigo com a fúria dos ventos. Foi preciso algum tempo para que eu pudesse voltar a raciocinar e adquirir a coragem suficiente para sentar e olhar os pontos distantes.

“O senhor deve aprender a enfrentar essas dificuldades”, disse o guia, “pois eu o trouxe aqui para que pudesse ter a melhor visão possível do cenário daquele fato que mencionei – e contar-lhe a história toda com o próprio lugar sob a vista.”

“Estamos agora”, continuou, com aquele modo de falar minucioso que o caracterizava – “estamos agora sobre a costa norueguesa – a sessenta e oito graus de latitude – na grande província de Nordland – e no lúgubre distrito de Lofoden. A montanha em cujo cume nos sentamos é Helseggen, a Nublada. Agora levante-se um pouquinho mais – se sentir tontura, agarre-se na grama – assim – e olhe para o mar, para além daquela cinta de vapor abaixo de nós.”

Olhei aturdido, e vi uma larga extensão de oceano, cujas águas exibiam um matiz de tinta tão carregado que me lembrou de imediato a descrição do *Mare Tenebrarum*, do geógrafo Nubian. A imaginação humana não pode conceber um panorama mais deploravelmente desolado. À direita e à esquerda, tão distantes quanto o olho podia alcançar, estendiam-se, como as muralhas do mundo, as linhas de um rochedo horrivelmente negro e saliente, cujo caráter de melancolia não seria com maior vigor melhor ilustrado senão pela ressaca, que se atirava para o alto contra sua branca e medonha crista, permanentemente uivando e soltando urros estridentes. Bem defronte ao promontório, sobre cujo ápice nos encontrávamos, e numa distância de mais ou menos cinco ou seis milhas ao largo, avistava-se uma ilhota que parecia desértica; ou, melhor dizendo, deduzia-se a sua existência através das vagas em tumulto que a envolviam. Mais próxima da terra cerca de duas milhas, via-se outra de tamanho ainda menor, pavorosamente árida e escarpada, rodeada a intervalos diversos por grupos de rochas negras.

A aparência do oceano, no espaço entre a ilha mais distante e a costa, tinha alguma coisa de insólita. Ainda que, naquele momento, estivesse soprando da terra um vento tão forte que um brigue, a uma enorme distância, mantinha-se à capa, com dois rizes na

carangueja, e mergulhava para fora da vista todo seu casco, mesmo assim nada existia ali que se assemelhasse a vagalhões constantes, mas apenas um curto, rápido, furioso arremesso cruzado de águas para todas as direções, – como se, em outras palavras, desafiassem o vento. Havia pouca espuma, exceto na vizinhança imediata das rochas.

“A ilha mais distante”, recomeçou o velho, “é chamada Vurrgh pelos noruegueses. A que fica a meio caminho é Moskoe. Aquela a uma milha para o norte é Ambaaren. Mais além estão Islesen, Hothholm, Keildhelm, Suarven, e Buckholm. Ainda mais longe – entre Moskoe e Vurrgh – estão Otterholm, Flimen, Sandflessen, e Stockholm. Esses são os nomes verdadeiros desses lugares – mas a razão porque se achou necessário dar nomes a eles todos, isto é mais do que o senhor ou eu podemos entender. O senhor ouve alguma coisa? Vê alguma mudança na água?”

Fazia quase dez minutos que estávamos sobre o cume de Helseggen, ao qual havíamos subido vindos do interior de Lofoden, de modo que não havíamos tido nenhum vislumbre do mar, até que ele surgiu de repente ao chegarmos lá em cima. Enquanto o velho falava, tomei consciência de um som ruidoso, forte e gradualmente crescente, como mugidos de uma vasta manada de búfalos numa pradaria da América; e, no mesmo instante, percebi que aquilo que os marinheiros denominam o aspecto *encrespado* do oceano, lá em baixo estava rapidamente se transformando numa corrente que se dirigia para leste. Mesmo enquanto a olhava, essa corrente adquiria inacreditável velocidade. Cada momento aumentava a impetuosidade das águas – num movimento sempre mais vertiginoso. Em cinco minutos todo o mar, tão longe quanto Vurrgh, era fustigado por fúria ingovernável; mas entre Moskoe e a costa é que o tumulto se tornava dominante. Ali, o vasto leito das águas retalhava-se e cerzia-se em mil sulcos em conflito, explodia de súbito em convulsões frenéticas – arfando, fervendo, sibilando – revolteava em vórtices gigantescos e inumeráveis, e tudo ia girando e submergindo na direção leste com uma rapidez que nunca se vê nas águas em outros lugares, exceto quando despenham por precipícios.

Alguns minutos depois recaiu sobre a cena uma outra radical transformação. A superfície geral ficou um pouco mais homogênea, e os vórtices, um a um, desapareceram, enquanto enormes faixas de espuma foram surgindo onde nada havia sido visto anteriormente. Essas faixas, por fim, estendendo-se a uma grande distância, e combinando-se uma às outras, acrescentaram a si o movimento giratório dos vórtices submersos, e pareciam formar o germem de um outro vórtice mais vasto. Repentinamente – muito repentinamente – este assumiu distinta e definida existência, num círculo de diâmetro maior que uma milha. O rebordo do redemoinho era

representado por um cinturão de espuma luminosa; mas nenhuma partícula deslizava para a boca do espantoso funil, cujo interior, tão longo quanto o olhar podia alcançar, era uma parede de água, jato negro, polido e brilhante, inclinado para o horizonte num ângulo de aproximadamente quarenta e cinco graus, girando e girando numa entontecedora velocidade, em oscilante e opressivo movimento, e que lançava aos ventos uma voz aterradora, meio grito, meio rugido, tal que nem mesmo a poderosa catarata de Niagara, nos seus tormentos, alguma vez lançou aos céus.

A montanha estremecia na própria base e o rochedo parecia abalar-se. Atirei-me de rosto sobre o chão e agarrei as escassas ervas num excesso de agitação nervosa.

"Isto", disse eu finalmente ao velho – "isto não *pode* ser outra coisa senão o grande redemoinho do Maeslström."

"Às vezes é assim denominado", disse ele. "Nós, os noruegueses, o chamamos Moskoe-ström, por causa da ilha de Moskoe, a meio caminho."

As narrativas conhecidas a respeito desse vórtice de modo algum prepararam o meu espírito para o que vi. Aquela de Jonas Ramus, que é talvez a mais circunstancial de todas, não oferece a menor noção seja da grandiosidade, seja do horror da cena – ou do violento e perturbador sentido de "algo novo". que confunde o espectador. Não estou certo de que ponto de vista o escritor em questão o abordou, nem em que época; mas não deve ter sido do cume do Helseggen, nem durante uma tempestade. Há certas passagens de sua descrição, não obstante, que podem ser citadas pelos pormenores que apresentam, ainda que de efeito bastante fraco para transmitir uma impressão do espetáculo.

"Entre Lofoden e Moskoe", diz ele, "a profundidade da água é entre trinta e seis e quarenta braças; mas, do outro lado, na direção de Ver (Vurrgh) essa profundidade decresce de modo a não permitir uma passagem favorável a um navio sem o risco de espatifar-se nas rochas, o que pode acontecer mesmo com o tempo mais calmo. Quando há maré, a corrente percorre a região entre Lofoden e Moskoe com turbulenta rapidez; mas o fragor de seu impetuoso refluxo para o mar é insuficientemente comparado ao da mais alta e terrível das cataratas. O bramido pode ser ouvido a várias léguas de distância, e os vórtices ou poços possuem tal extensão e profundidade que, se um barco está em seu campo de atração, inevitavelmente é sorvido e atirado para o fundo, fazendo-se em pedaços no embate contra os rochedos; e quando as águas se acalmam, os fragmentos dele são de novo atirados à tona. Entretanto, esses intervalos de tranquilidade acontecem somente entre o fluxo e o refluxo, e em tempo calmo, e não duram mais que um quarto de hora, recomeçando então gradualmente

a sua violência. Quando a corrente giratória se torna mais impetuosa, e sua fúria é aumentada por uma tempestade, é perigoso aproximar-se dela a menos de uma milha norueguesa. Barcaças, iates e navios têm sido arrastados por não se haverem precavido contra ela, evitando passar dentro de sua zona de alcance. Acontece com freqüência, de modo semelhante, que baleias ficam muito próximas da corrente e são dominadas pela sua força; então, é impossível descrever seus mugidos e bramidos devido aos esforços inúteis que fazem para se libertarem. Certa vez um urso, ao tentar nadar de Lofoden a Moskoe, foi apanhado pela corrente e puxado para o fundo, enquanto ele urrava tão terrivelmente que se podia ouvir da praia. Toras de abetos e pinheiros, de enorme volume, após serem sugadas pela corrente, retornam à superfície de tal modo quebradas e despedaçadas, que se diria haver nascido cerdas sobre elas. Isso vem mostrar claramente que o fundo do abismo consiste de rochas pontiagudas, de encontro as quais as toras são atiradas num giro aleatório. Tal corrente é regulada pelo fluxo e refluxo do mar – que se alternam a cada seis horas. No ano de 1645, na manhã do domingo da Sexagésima, ela se enfureceu com tamanho estrondo e impetuosidade que mesmo as pedras das casas, na costa, vieram abaixo.”

Quanto à profundidade das águas, eu não via como ela poderia ser determinada com certeza na imediata vizinhança do vórtice. As “quarenta braças” devem referir-se somente às partes do canal próximas da costa ou de Moskoe ou de Lofoden. A profundidade no centro do Moskoe-ström deve ser incomensuravelmente maior, e não existe melhor prova desse fato do que a obtida só em olhar, mesmo de esguelha, sobre o abismo do vórtice que se vislumbra do ponto mais alto do rochedo de Helseggen. Olhando desse pico lá para baixo, por cima do uivante Phlegethon, não pude reter um sorriso ante a singeleza com que o honesto Jonas Ramus registra, como casos difíceis de acreditar, as anedotas de baleias e de ursos, pois sem dúvida me pareceu uma coisa evidente por si mesma que o maior navio de linha que possa existir, ao cair sob a influência daquela atração letal, podia resistir-lhe tão pouco quanto uma pena a um furacão, e devia desaparecer súbita e completamente.

As tentativas de explicação do fenômeno – algumas das quais, recorde, pareceram-me suficientemente plausíveis à leitura – agora assumiam um aspecto muito diferente e insatisfatório. A idéia geralmente acolhida é que este, assim como três vórtices menores entre as ilhas Ferroe, “não têm outra causa senão a colisão de vagas que se levantam e caem, no fluxo e no refluxo, contra uma cadeia de rochedos e bancos de rocha que confinam as águas, pressionando-as de tal modo que elas se precipitam como uma catarata; e assim, quanto mais alto se levanta a torrente, mais profunda deve ser a

queda, e o resultado natural disso tudo é um redemoinho ou vórtice, cuja prodigiosa força de sucção é suficientemente conhecida por exemplos menores.” É o que diz a *Enciclopédia Britânica*. Kircher e outros supõem que no centro do canal do Maelström há um abismo que atravessa o globo e vai sair em alguma parte muito remota – tendo sido o Golfo de Botnia nomeado certa vez um tanto arbitrariamente. Essa opinião, por si mesma trivial, era a que, enquanto eu olhava, minha imaginação mais prontamente aceitou; e, ao mencioná-la para o guia, fiquei surpreso ao ouvi-lo dizer que, conquanto fosse essa a opinião quase universalmente aceita pelos noruegueses sobre tal assunto, contudo não era a dele próprio. Quanto à primeira opinião, confessou sua incapacidade para compreendê-la; e aqui devo concordar com ele – pois, ainda que concludente no papel, ela se torna inteiramente ininteligível, e mesmo absurda, ante os estrondos do abismo.

“O senhor deu agora uma boa olhada no redemoinho”, disse o velho, “e se o senhor quiser arrastar-se em torno desta rocha, de modo a abrigar-se do vento e amortecer o ruído das águas, poderei contar-lhe uma história que o convencerá de que devo conhecer algo do Moskoe-ström.”

Coloquei-me no local desejado por ele, e o velho prosseguiu:

“Eu e meus dois irmãos certa vez possuímos uma sumaca, aparelhada em escuna, de cerca de 70 toneladas, com a qual tínhamos o hábito de pescar entre as ilhas além de Moskoe, perto de Vurrgh. Todos os remoinhos violentos do mar oferecem boa pesca, em ocasiões favoráveis, bastando para isso somente a coragem para a tentativa; mas entre todos os homens da costa de Lofoden, nós três éramos os únicos, como lhe disse, que fazíamos o trabalho regular de ir até as ilhas. Os locais usuais de pesca ficam a uma grande distância mais abaixo, na direção sul. Lá o peixe pode ser colhido a qualquer hora, sem muito risco, e por isso tais locais são os preferidos. No entanto, pontos especiais aqui para cima entre as rochas não apenas oferecem as variedades mais raras, como em quantidade bem maior; de modo que muitas vezes, num único dia, nós apanhávamos o que os mais tímidos no ofício não apanhariam juntos numa semana. Na verdade, fazíamos disso um assunto de especulação desesperada: – o risco de vida sobrepujando o trabalho, e a coragem respondendo pelo capital.

Abrigávamos a sumaca numa enseada cerca de cinco milhas mais ao norte da costa, em relação a esta; e era uma prática nossa, quando fazia bom tempo, tirar vantagem dos quinze minutos de calma para aventurarmo-nos através do canal principal do Moskoe-ström, bem acima da cavidade, e então fundear em algum lugar

próximo de Otterholm, ou Sandflesen, onde os remoinhos não são tão violentos como em outros lugares. Permanecíamos ali mais ou menos o tempo entre uma calmaria e outra, quando então levantávamos âncora e retornávamos. Nunca iniciávamos essa expedição sem que houvesse vento firme para ir e voltar – um vento do qual nos sentíssemos seguros de que não mudaria antes do nosso retorno – e sobre este ponto raramente nos enganávamos. Duas vezes, durante seis anos, fomos obrigados a passar a noite inteira ancorados devido a uma longa calmaria, que era de fato uma coisa rara naquelas imediações; e uma vez tivemos de ficar ali fundeados aproximadamente uma semana, morrendo de fome, pois uma rajada nos surpreendeu pouco depois que chegamos, fazendo o canal tormentoso demais para se pensar em atravessá-lo. Nessa ocasião teríamos sido impelidos mar afora a despeito de tudo (pois a força dos remoinhos nos projetava em círculos tão violentamente que, por fim, tivemos de enredar nossa âncora e arrastá-la), se não tivesse acontecido de cairmos numa dessas inumeráveis correntes cruzadas que – hoje aqui, amanhã ali – nos conduziu a sotavento de Flimen, onde, por sorte, conseguimos fundear.

Não poderia contar-lhe a vigésima parte das dificuldades que encontramos “nos pesqueiros” – que eram locais perigosos para se ficar, mesmo quando fazia bom tempo – mas sempre conseguíamos driblar as garras do próprio Moskoe-ström sem acidentes, embora às vezes o meu coração viesse à boca quando acontecia de estarmos um minuto adiantado ou atrasado em relação à maré. Às vezes o vento não era tão forte como imaginávamos de início, e então fazíamos um percurso menor que o desejado, enquanto a corrente tornava a sumaca ingovernável. Meu irmão mais velho tinha um filho de dezoito anos, e eu tinha dois filhos robustos. Eles teriam sido de grande utilidade nessas saídas, tanto para o uso dos remos, como pescando à popa – mas, seja como for, ainda que nós próprios corrêssemos os riscos, não tínhamos coragem para permitir que os jovens passassem por tais perigos – porque, a despeito de tudo que se pudesse dizer ou fazer, *era* um horrível perigo, e essa é a verdade.

Dentro de poucos dias vai fazer três anos que ocorreu o fato que estou começando a contar-lhe. Foi no décimo dia de julho de 18..., um dia que o povo desta parte do mundo nunca vai esquecer. – pois foi quando soprou o mais terrível furacão já vindo dos céus. E no entanto durante toda a manhã, e na verdade até à tardinha, havia uma brisa constante e leve do sudoeste, enquanto o sol brilhava firme, de modo que os homens do mar mais experimentados dentre nós não podiam prever o que se seguiu.

Os três – meus dois irmãos e eu – cruzamos na direção das ilhas por volta das duas horas da tarde, e logo quase abarrotamos a sumaca com os melhores peixes, os quais, observamos, vieram

naquela dia em quantidade nunca vista antes. Exatamente às sete horas – pelo meu relógio – levantamos âncora e iniciamos o retorno para casa, no intento de atravessar a pior parte do Ström com a maré calma, que, sabíamos, poderia ser feita até às oito horas.

Partimos com vento novo, no quarto de estibordo, e durante algum tempo seguimos com boa velocidade, sem imaginar qualquer perigo, pois na verdade não víamos razão alguma para apreensões. Mas de súbito fomos surpreendidos por uma brisa vinda de Helseggen. Isso era extremamente raro – algo que nunca antes nos sucedera – e comecei a sentir-me um tanto inquieto sem saber exatamente porquê. Pusemos o barco a favor do vento mas não pudemos avançar por causa dos remoinhos, e eu já estava a ponto de propor retornarmos ao ancoradouro quando, olhando para trás, vimos o horizonte inteiro encoberto por uma estranha nuvem cor de cobre, que se alçava com a mais espantosa velocidade

Nesse meio tempo a brisa que nos interceptara caiu, ficamos em completa calma, o barco à deriva, girando para todas as direções. Tal estado de coisas, contudo, não demorou o suficiente para nos dar tempo de pensar sobre ele. Em menos de um minuto a tempestade desabava sobre nós – em menos de dois, o céu se achava inteiramente toldado – além dessas coisas e mais o borrifar de espumas pelo vento, tudo ficou subitamente tão escuro que não podíamos ver um ao outro na sumaca.

Quando sobrevêm tais furações é loucura tentar descrevê-los. O mais velho marujo na Noruega nunca experimentou algo semelhante. Havíamos-nos desfeito das velas antes de sermos atingidos pela ventania; mas, à primeira lufada, nossos dois mastros saltaram pela borda como se tivessem sido serrados – e o mastro principal levou consigo o meu irmão mais novo, que se amarrara nele por segurança.

Nosso barco era uma pluma mais leve que qualquer outra coisa que alguma vez já balançou sobre o mar. O convés, inteiramente plano, tinha apenas uma pequena escotilha perto da proa, e era sempre costume nosso trancar essa escotilha quando estávamos nas imediações do Ström, por precaução contra a fúria do mar. Contudo, nas circunstâncias atuais, teríamos afundado de imediato – porque, por alguns instantes, ficamos totalmente enterrados sob as águas. Como meu irmão mais velho escapou à destruição eu não sei dizer, pois nunca mais tive uma oportunidade para verificar esse fato. Da minha parte, assim que cortei o traquete, lancei-me de comprido no convés, com os pés pressionando a estreita amurada da proa, e as mãos agarrando firme o anel de ferro de uma cavilha próxima do pé do mastro dianteiro. Foi unicamente o instinto que me levou a fazer isso –

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

